



BRUXELLAS — ESTATUA DE GODOFREDO DE BOUILLON.

No centro da praça real de Bruxellas, construída em 1776, sob o modelo da praça real de Nancy, e no sitio onde esteve n'outro tempo uma estatua do principe Carlos de Lorraine, que os Estados de Brabant lhe tinham erigido, e que foi demolida pelos francezes em 1794, mandaram os belgas collocar uma estatua equestre de Godofredo de Bouillon, de bronze, fundida em Paris no estabelecimento de mr. Soyer. Esta obra notavel, devida ao cinzel de mr. Eugenio Simonis, foi inaugurada a 15 de agosto de 1848. O chefe da primeira cruzada está representado com o estandarte na mão e os olhos levantados para o céu. N'esta attitudo o valoroso e altivo capitão pa-

rece ainda implorar para o seu exercito a benção divina.

O exercito commandado por Godofredo, e outros chefes, compunha-se não menos de 100:000 cavalleiros, e 600:000 infantes. Soleyvão quiz embargar-lhe o passô, com 700:000 asiaticos, mas foi desbaratado inteiramente; os cruzados, então cheios de enthusiasmo, proseguiram na sua marcha, e em breve a cidade santa caiu em seu poder. Pouco depois os christãos triumphantes elegeram Godofredo rei de Jerusalem. Sobre as cruzadas póde consultar-se n'este semanario o artigo publicado a paginas 85 do 2.º volume da 1.ª serie.

VOL. II. — 3.ª SERIE.

SETEMBRO 24. 1853.

C. M. L.
GABINETE
DE
OLISEBONENSES

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

DO ANTIGO ESPLENDOR DA CASA DE BRAGANÇA.

AS FESTAS DO CASAMENTO DE D. THEODOSIO II.

III.

Festejos publicos.

O dia seguinte foi o primeiro consagrado aos festejos d'este consorcio, e passou-se todo em danças e folias de variadas invenções, terminando com illuminação da villa, fogos de artificio, salvas do castello, e descargas dos soldados.

Apresentou-se a noiva com vestido encarnado, saia de velilho, (especie de volante) de oiro imprensado, bordado de ouro e prata, collar e cinto de pedras preciosas. O duque trajava vestido encarnado bordado de ouro e prata, com capa de veludo preto, forrada de setim encarnado e bordada de prata, gorra ornada de diamantes.

No segundo dia correram-se touros no Terreiro do Paço, sendo os cavalleiros dous fidalgos da casa do duque. A noite passou-se como a antecedente. A duqueza vestiu-se com saia de téla de prata raxada, guarnecida de galões de prata. Trazia mui ricas joias, de entre as quaes sobresaia um magnifico fio de perolas, que lhe pendia do collo. O duque estava de branco bordado de ouro e prata, com capa de veludo negro forrada de téla de prata bordada de alcahofras de ouro.

Começaram as festas do terceiro dia com uma grande caçada na tapada. De tarde houve exercicios de arlequins, a que davam o nome de bolatins, e uma mascarada a cavallo. A noite, illuminada a praça com tochas, fizeram varias escaramuças, e jogaram um jogo chamado alcanzias, em que se lucta atirando com umas bolas de barro occas, e cheias de flores, ou cinza.

A duqueza appareceu vestida com duas saias, sendo uma mais curta, e cheia de pregas, que chamavam vasquinha, de setim amarello bordadas de prata; e o duque tambem de amarello e bordadura de prata com o bohémio de setim negro todo forrado de téla de prata bordada.

Corridas de touros, fogo artificial, e luminarias constituiram os festejos do quarto dia, que foi o da retirada para Hespanha do conde de Haro, irmão da duqueza D. Anna de Velasco, e dos mais fidalgos, que a acompanharam.

No quinto dia, que era um domingo, houve grande jantar no paço em publico. Constava a meza de seis talheres aos quaes correspondiam seis cadeiras, uma de veludo preto no meio, outra de téla bordada, e as mais de veludo carmezim. A meza estava collocada sobre um grande estrado e proxima da parede, de modo que as cadeiras dos duques ficavam debaixo do docel. Na primeira cadeira do lado esquerdo sentou-se D. Duarte, na segunda o duque seu irmão, na terceira a duqueza D. Anna de Velasco, na quarta a duqueza D. Catharina, na quinta o arcebispo D. Alexandre, e na sexta D. Filippe. As damas em pé faziam parede pelos lados da meza, por fóra do estrado. Os fidalgos formavam por detraz d'ellas uma segunda fileira. Junto da meza estavam de joelhos os moços fidalgos. A guarda dos alabardeiros fazia alas desde os aparadores até proximo da meza, deixando no centro a passagem livre para o serviço dos criados, pois que o restante da sala era franco ao povo.

Depois de tudo assim disposto subiu ao estrado o

deão da capella ducal, e assistido de dous capellães procedeu á cerimonia da benção da meza. Logo que finalisou entraram na sala o veador do duque, e o mantieiro com a bacia e jarro, que entregou ao trinchante, o qual immediatamente foi dar agua ás mãos aos duques e seus irmãos. Depois principiou o jantar, trazendo os moços da camara os pratos da comida, e sempre precedidos de dous porteiros da canna, dous porteiros da maça, e dous arautos e passavantes com suas cotas, os quaes ao chegar junto da meza faziam uma venia, e se separavam para deixar passar os outros criados. Quando as duquezas queriam beber servia-as uma das damas. O duque era servido n'este acto pelo copeiro-mór. Todo o tempo que durou o jantar tocavam constantemente as trombetas e charamelas. O duque e sua esposa estavam vestidos de roxo bordado de ouro e prata.

N'este dia de tarde houve corridas de cavallo, em que tomaram parte D. Duarte e D. Filippe vistosamente trajados. Durante toda a noite não cessaram as danças no Terreiro do Paço.

Um triste successo veio interromper estas festas. A morte de D. Vicencia, religiosa no mosteiro das Chagas, filha do duque D. Jaime, e por conseguinte segunda tia de D. Theodosio II, obrigou este a recolher-se por tres dias, findos os quaes foi suspenso o luto para recommencarem os festejos.

Continuaram pois no dia 26 do dito mez. N'este dia, achando-se o duque na sala principal do seu paço, sentado debaixo do docel com as duquezas, sua mãe e esposa, e seus irmãos, e rodeado de toda a sua cõrte, recebeu uma supposta embaixada da parte de uma princeza moura, que se dizia ali chegada para lhe pedir auxilio na violencia com que pretendiam obrigar-a, a cazar contra vontade. Despedido o embaixador, foi admittida a princeza, que vinha ricamente vestida ao modo das damas de Marrocos, e que entrava no Terreiro do Paço, precedida e seguida de uma numerosa e bem trajada cavalgada, tudo em costume arabe. Nomeou o duque a seus irmãos D. Duarte e D. Filippe para sustentarem em campo a causa da princeza, e designou o dia 6 de julho para ter lugar o torneio.

O dia 27, que era o setimo das festas, foi celebrado com uma grande dança burlesca chamada de *muchachins* (1), que acompanhava um carro triumphante em que ia Baccho.

No dia 28 teve lugar a cerimonia de se fixar o cartel de desafio. De tarde apresentaram-se no Terreiro do Paço D. Duarte e D. Filippe, armados de armas brancas, e montados em dous bellos cavallos perfeitamente iguaes. Eram seguidos de sessenta fidalgos, vestidos de cõrte, e do mesmo modo bem montados. Na frente d'aquelles dous cavalleiros iam tres moços fidalgos, dous levavam as celladas com grandes plumas, mettidas em duas hasteas, e o terceiro conduzia o cartel escripto em uma taboa. Todo este acompanhamento era precedido de dous porteiros da maça, dous arautos e passavantes, tres trombetas bastardas, e varios atabales, trombetas e charamelas, tudo a cavallo.

Tendo parado em frente do paço, apeou-se o moço fidalgo, que levava o cartel, e foi pedir venia ao duque para o affixar. Obtida a licença voltou para a praça, e o pregou na parede junto a porta do palacio. O cartel era concebido n'estes termos:

(1) Deriva-se esta palavra do hespanhol *muchacho*. Era uma dança guerreira de mancebos armados de espada, e vestidos burlescamente, representando uma especie de farça.

«Os dous cavalleiros nomeados pelo excellentissimo principe D. Theodosio, segundo d'este nome, duque de Bragança e de Barcellos, para defende-rem a causa da formosa Celindaxa, a instancia da princeza Lela Alaria, irmã do xarife Muley Hamet, imperador de Fez e de Marrocos: dizem, que farão conhecer com armas nas mãos a todos, que lhe quizerem provar o contrario, domingo, seis dias de julho, ás nove horas da noute, a tres botes de pique, e cinco golpes de espada, que é justo que uma dama acceite antes por esposo ao estrangeiro, a quem por fama se affeioou, que ao natural, a quem por amor se não sente obrigada, com as condições seguintes:

«Quem lhe cair da mão a espada ou pique, perca o prego.

«Quem fizer reparo da espada, ou tirar estocada, perca o prego.

«Quem arrimar a mão á esbarra, ou der golpe n'ella, perca o prego.

«Que os piques rotos abaixo da cellada, posto que sejam mais, não ganhem prego.

«Que em igualdade ganhem prego os que forem rotos mais alto, e o mesmo se entenderá nos golpes d'espada.

«Que ganhe prego quem desarmar alguma peça do inimigo, assim de pique como da espada.

«Que ganhe prego quem se aventurar na folha.

«Que ganhe prego quem for mais galante.

«Que ganhe prego o que tirar melhor invenção.»

A praça estava como nos mais dias apinhada de povo, e as janellas do paço guarnecidas de damas em que brilhavam custosas joias, sobresaíndo a todas pela riqueza das galas as duas duquezas, a cujos lados estavam o duque e seu irmão o arcebispo d'Evora.

(Continúa)

I. DE VILHENA BARBOZA.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cautei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

VI.

UMA creatura a todos os respeitos inferior á aggressão occupou algumas vezes tambem os versos de Manuel Maria. Fallámos de Antonio Crispiniano Saunier, condecorado por generosidade propria com o anagramma de Insauro, e auctor de umas rimas estropiadas, offerecidas á duqueza de Lafões. Saunier valia menos do que um bobo; porque houve bobos, que debaixo dos guizos e das cristas flammantes tinham cabeça, e sabiam converter a alegria em morgado rendoso. Quasi idiota, infimo de sentimentos, manco de senso commum, e de um cynismo repugnante, fazia modo de vida da prostituição das letras, e passava por uma especie de mariola de penna e tinteiro, a quem pagavam por cobre vil o louvor e o vituperio. Secretario dos gallegos punha-lhes em mascarado papel, por tres vintens, as sordidas confidencias para a terra! Gralha dos peraltas namorados estendia em estultos metros, por seis vintens, as suas jaculatorias ás Analias! Hediondo e torpe de figura, apurava ainda este requebro physico com a extravagancia do traje. Uma gravata immensa, por elle mesmo chamada espeque com pontas de orelha de

cão, emparedava-lhe a cara, subindo audaciosa e amarrotada á altura do nariz. Certa noute á ronda, encontrando fóra de horas este lobis-homem do Parnaso, com o rosto emigrado no lenço do pescoço, e o ar mysterioso de um conspirador, fez-lhe a honra de o tomar a serio, prendendo-o por suspeito; e foi uma scena admiravel, quando a luz e abanado, o anonymo se descobriu, e o escriba dos gallegos saltou da golla sebacea da casaca, e da ampla rodilha da gravata. Os poetas da roda de Bocage achavam-se em casa de Antonio Bressane Leite; de repente apparece o morgado de Assentis em frouxos de riso, e conta-lhe com o realce do costume a aventura do famoso Insauro. Reberaram trovões de gargalhadas: e no meio d'ellas Bressane, que era dotado de gosto, poz logo em quadras a historia de Saunier, avivando-a com a sua graça descriptiva:

A meia noute;
Saiu de um cano,
Pondo a gravata.
Crispiniano.

Eis que a ronda,
Tropel insano,
Divisa de longe
Crispiniano.

Capuz o cobre;
«Es Franciscano?»
Só lhe responde:
«Crispiniano!»

Chega o alcaide
Dá-lhe um abano
São da gravata
Crispiniano.

Saunier, como todos os parvos enfunados de ignorancia, arremetteria contra Homero e contra Pindaro se os freguezes lh'o encommendassem. Não admira por isso que decidisse expôr-se a uma chuva de improperios luctando com o espirituoso bando dos vates, reunido diariamente no Agulheiro dos Sabios, sob a presidencia de Elmano. Os emulos d'este achavam deleite em soltar ao traductor de Ovidio os irrisorios latidos de Crispiniano; e zombando da estulticia do espantalho, jogavam-no como péla, e batiam as palmas vendo-o rolar. O botequim da Boa Hora era o quartel dos rivaes de Manuel Maria; e Insauro, previamente inspirado pelos malignos accessores, farto de genebra e de cigarros, rimava aos olhos d'elles as chufas grossas com azinina facundia. Um gallego, digno Mercurio de tal Apollo, aguardava de sacco ao hombro o esboço metrico para o transportar dentro de sobrescripto lacrado á loja do Rocio; e ali os amigos, disputando a penna uns aos outros, discutiam a resposta e mandavam-na com recados picantes. No dia seguinte o tiroteio continuava da mesma fórma.

Apezar da hostilidade, a que se vendia, Saunier acordou uma manhã com a innocente idéa de reparar os aggravos, consagrando a Manuel Maria quatorze infezados versos de elogios. Assim que o auctor da Medea e do Tritão entrou na casa, os socios rodearam-no sem demora, e desengatilharam-lhe ao ouvido o fatal soneto de Crispiniano, endoudecendo-o com parabens ironicos por ter caído em graça ao distincto Insauro. Bocage supportava de má vontade o epigramma, e como todos os homens mordazes desconcertava-se, quando de auctor o convertiam em paciente. Querendo lavar a affronta do panegyrico;

e mais que tudo, desejando pôr termo á veia dos gracejos, chegou-se á meza e traçou de subito uma satyra muito superior á insignificancia do objecto, e cruelissima por fustigar a boa intenção do chòcho Saunier como um ultrage. Mas Elmano não era genio que resistisse aos impetos do orgulho, ouvindo Pato Moniz, Bressane, Assentís e D. Gastão, em festivo circulo, que celebravam o opprobrio das apolo-gias de um Crispiniano. Pagou-lhe por tanto o obsequio com injurias. Ardendo de despeito, e com a phantasia escaldada pelas provocações, votou ás vi-boras da sua Nemesis o perrexil das musas; punin-do n'elle a má estrella de passar a louvador, depois de tanto tempo se ter nutrido de diffamação assala-riada. O infeliz Insauro, mais dilacerado por ter dito bem uma só vez, do que por haver dito mal um cento d'ellas, recebeu castigo exemplar. Sempre ex-cessivo e arrebatado Bocage remonta-se para descer de chofre sobre o histrião poetico. Reproduzimos al-guns trechos da epistola para que se avalie a sua amenidade:

Confessas que de Elmano a furia temes...

E, debil estorninho, aguias provocas,
Aves de Jove, que o corisco empunham!

Es de rabula vil corrupta imagem;
Tu vendes o louvor, como elle as partes:
Mas elle na enxovia infamias paga,
E tu com *tustios*, que aos calouros pilhas,
Compras gravatas, em que a tromba enorme
Sumas ao dia, que de a vêr se embrusca,
Qual em terra mãosinha esconde a face
Mimoso infante de papões vexado.

.....
De saloios vintens larapio sujo,
A gloria de teu odio restitue
A quem no teu louvor desaccreditas.

Similhante ao supplicio de Saunier foi o de inu-meraveis martyres da sua voluvel e caprichosa pai-xão. Basta percorrer a collecção dos sonetos joviaes e satyricos, sem contar os perdidos, para apreciar-mos as liberdades que tomava, e a rapidez com que mudava do affecto para a ira. Thomé Barbosa, Ga-lina, Riseo o fallador, o mulato Joaquim Manuel, e tantos mais crivados de sétas, são a prova irrecu-savel do perigo que havia em o encontrar. O mais leve pretexto era sufficiente para o fazer esquecer serviços e relações de muitos mezes. O desejo de brilhar suppria esse mesmo pretexto, quando os de-feitos das pessoas lhe proporcionavam thema fertil. Thomé Barbosa padeceu pelo crime de o hospedar semanas com a maior cordialidade. Nem a humilda-de, nem a insignificancia, nem o engenho eximiam da sua critica. José Daniel com a primeira não con-seguiu senão afiar-lhe mais o epigramma. Saunier pela segunda provocou-lhe os golpes. Vejâmos agora Curvo Semedo, tratado sem respeito, e posto abai-xo do que valia, e do que Bocage devia a si, para não denegrir o talento proprio por calumnia e in-veja do alheio.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

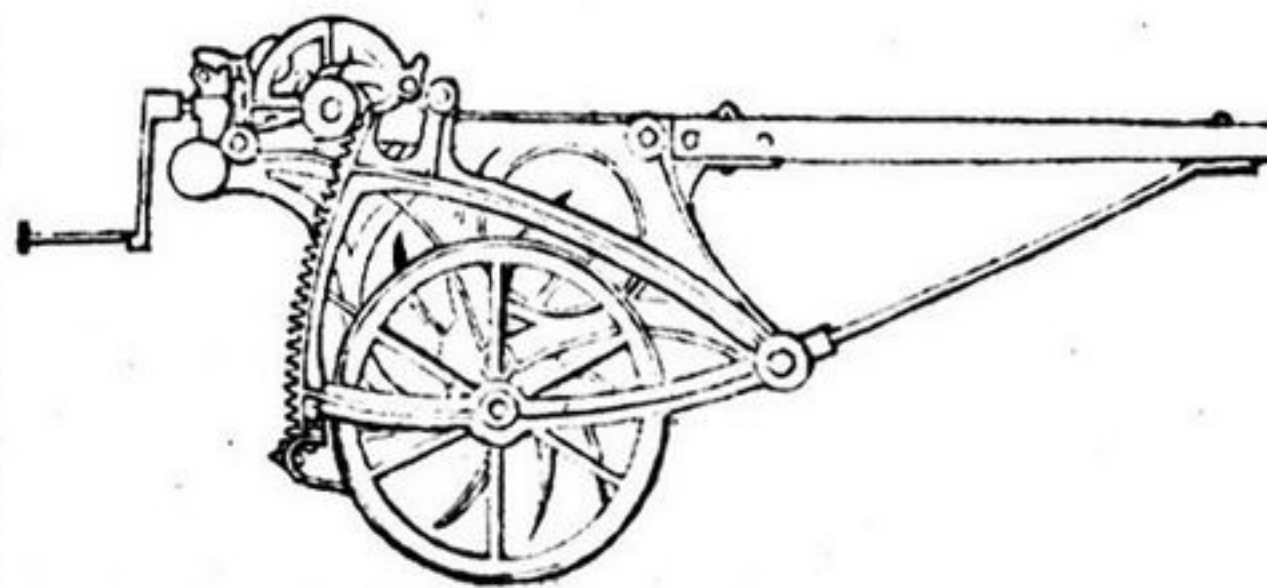
MACHINA DE CAVAR.

Em nenhum paiz do mundo a sciencia agricola se acha talvez n'um estado de perfeição tal como em Inglaterra. Tambem o lavrador inglez, a poder de

trabalho, de intelligencia e de capitaes, tem conse-guido tirar do solo da Gran-Bretanha, (que não é aliás tão rico de faculdades productoras como, por exemplo, o abençoado torrão peninsular) um resul-tado incontestavelmente maior do que o que o mais curioso lavrador portuguez ou hespanhol obtém dos magnificos terrenos que, em geral, tem á sua dispo-sição.

É que ali a instrucção agricola é coadjuvada por uma pratica esclarecida; é que ali o lavrador não descansa até melhorar as condições da sua proprie-dade; é que ali não se desdenham as innovações, só por que são innovações; é que ali os proprietarios ruraes, não se constituem n'um isolamento systema-tico, egoista e criminoso; reúnem-se, consultam-se, communicam-se as suas idéas e experiencias, estu-dam as boas obras de agricultura; e d'aqui resulta aperfeçoarem-se de continuo machinas, utensilios, e methodos de trabalho.

Blanqui, o distincto economista francez, quando visitou a repartição de machinas agricolas inglezas, no edificio da exposição universal, em Londres, ficou espantado; percorreu depois os grandes condados agri-colas, e achou-os inteiramente transformados do que eram algum dia, e tudo pelo immenso poder, não menos dos principios economicos, que mudaram a face da sociedade ingleza, que da illustrada direcção dos estudos e theorias agricolas, e sua pratica racional.



A machina de cavar de Samuelson, que representa a nossa gravura, é uma das que em Inglaterra se co-meçaram a usar ultimamente com grande economia de tempo e de braços: toda a machina é de ferro, e a sua peça principal consiste n'uma serie de laminas de ferro, fixadas n'um eixo, e dispostas de modo que podem enterrar-se no terreno, em maior ou menor profundidade. Todas as outras peças são subordinadas a esta, ou servem a regular as suas funcções. Pode ser tirada por tres ou quatro cavallos; e o seu trabalho n'um dia equivale ao de quarenta ou sessenta bons cavadores de enxada.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA,

FERNÃO GONÇALVES.

SEculo X.

II.

Juramento.

A CLEPSYDRA marca meia noite nos paços afortale-zados de Carrion de los Condes. Os conjurados vão-se congregando na sala das conferencias. Grande nu-mero de tochas, prezas em braços de metal polido, que saem das paredes, alumiam a vasta quadra, e o reflexo de tantas luzes, batendo nos vidros das ja-

nellas, historiados de côres e figuras, mistura-se com o reflexo pallido da lua em minguate. Estão presentes, além de outros prelados, os bispos Theodosindo, Genadio, Eglya, e o abbade de S. Zoil. Assignalam-se entre os senhores seculares e ricos-homens os condes Veremondo, Beroto e Silo. Vestidos de dó pezado sobresaem entre um grupo de cavalleiros Dulcideo e Adosindo. A variedade e situação dos assentos, distribuidos pela sala, designam a jerarchia ou ancianidade dos personagens a quem competem; a uns as cadeiras de espaldar almofadadas; a outros cadeiras razas; aos de menor gráu aristocratico os simples tamborettes desornados. No topo ergue-se sobre estrado de seis degráus a meza da presidencia, illuminada de candelabros de prata. Sobre ella estão o missal mozarabe, a cruz, a campainha, o bojudo tinteiro coroado de cálamos, e os rôlos e folhas de pergaminho.

Os elmos de aço brilhante dos cavalleiros e ricos-homens roçam de quando em quando nas mitras metallicas dos prelados, conversando todos em segredo. Signal é de respeito; e, se quereis saber a quem, olhae para o lado direito da sala, e ali vereis entre duas tocheiras accezas, solitaria e afastada das outras, uma cadeira de espaldar forrada de velludo preto, onde estão expostos a espada, o manto, e o elmo, reliquias tristes do conde Hermenegildo.

A campainha da presidencia começou a tocar. Cada um dos conjurados se encaminhou para o saudoso cenotaphio, e depois de inclinar-se respeitosa mente ante elle, foi tomar o seu assento.

“*Oremus!*”

No logar da presidencia o bispo Theodosindo ajoelhou: ajoelharam todos os conjurados junto aos seus assentos. Depois de ter invocado o auxilio do Espirito Santo em voz surda e na mesma oração com que se abriam os concilios, o presidente ergueu-se. Deu então principio á conferencia, fazendo por uma lista a chamada nominal dos conjurados presentes. Já tinha acabado de pronunciar todos os nomes, quando com um som de voz mais vibrado bradou: “*Conde Hermenegildo!*” A este nome não responderam senão os eccos da sala, e o veneravel sacerdote, passado um momento de silencio, accrescentou: “*Assassinado! . . . Que o seu sangue recaia sobre a cabeça de Ramiro o parricida!*”

— “*Amen!*” clamaram todos os prelados, tocando nos braços das cadeiras, e todos os guerreiros batendo nos punhos das espadas.

O bispo desdeu então o nó de um pergaminho, puxou para junto de si um dos candelabros, e leu: “*Credenciaes de Ramiro III, rei de Leão, para Abd-el-Rhaman III, califa de Cordova.*”

Os elmos e as mitras fizeram um movimento para se concentrarem em um espaço mais estreito, e convergirem a um foco commum, indicando assim a excessiva curiosidade e a profunda attenção da assembléa.

— “*Artigo primeiro:*” continuou o bispo, “*Ramiro promete preto, homenagem, e auxilio de tropas ao miramolim de Cordova, se este invadir Castella.*”

— “*Traidor!*” exclamou um dos conjurados. “*Silencio!*” disse outra voz.

O bispo continuou.

— “*Artigo segundo. Que sua honra o conde de Castella (o bispo e todos os conjurados fizeram uma inclinação de reverencia) será entregue a elle rei de Leão, e guardado perpetuamente em uma torre, designada a aprazimento das duas corôas.*”

— “*Traição!*” clamou uma voz rouca de colera.

— “*Infamia!*” vociferou outra.

— “*Silencio!*” gritou uma terceira.

— “*Não se póde soffrer em silencio tamanha infamia!*”

— “*Attenção!*” disse o bispo, continuando a lêr:

— “*Artigo terceiro. Que Castella será reduzida a provincia dependente, e dividida entre os dous monarchas, do modo seguinte: As praças e fortalezas de Burgos, S. Estevão de Gormaz, Osma, Roa, Aranda, Oca e Clunia tocarão a Ramiro. . .*”

— “*Nunca!*” bradou a estrepitosa voz do conde Veremondo.

O bispo continuou:

. . . “*e o restante, comprehendendo fortalezas, campos, povoado, homens, e animaes, pertencerá ao califa.*”

A esta segunda parte do artigo terceiro desatou toda a assembléa em uma risada amarga e provocadora, a que o proprio presidente se associou com um sorriso. Ainda o sorriso lhe estremecia nos labios orgulhosos, quando de novo recommendou silencio, e proseguiu na leitura:

— “*Artigo quarto. Que todos os parentes de sua honra o conde de Castella (outra reverencia do presidente e da assembléa) os de ambos os sexos, e até o quarto gráu inclusivamente, ficarão retidos como arrefens em poder de Abd-el-Rhaman.*”

Os conjurados encolheram os hombros uns para os outros. Era já desprezo.

— “*Artigo quinto e final. Que do dinheiro, que se encontrar nas arcas de sua honra o conde de Castella (nova inclinação de cabeça) se farão dous quinhões iguaes para cada um dos dous príncipes.*”

Ao acabar de ler-se este tratado, que algemava o primeiro capitão e a mais forte provincia, a cabeça e o braço, da christãdade hispanica, que annullava dous seculos de combates e os sacrificios de seis gerações, que prostrava a Hespanha fiel aos pés do califa; ao terminar a leitura d'este documento, durante a qual, e n'uma rapida apprehensão, entreviram os conjurados a sua sorte de todos elles, e pensaram na cumplicidade do rei de Navarra, na impotencia ou na duvidosa fidelidade do conde de Barcelona, nas debeis forças que havia para contrastar as forças da formidavel liga de Ramiro com o emir; ao concluir esta leitura, fez-se na assembléa o silencio do pasmo, a mudez das grandes coleras. Era o recolhimento, que precede as grandes tormentas da natureza, e as grandes resoluções do homem. As mitras e os elmos pendiam sobre os peitos, as mãos pousavam sobre as frentes pensativas, e o espirrar das tochas era o unico ruido que ali se ouvia.

De repente a uma voz electrica despertaram todas estas almas, todas estas paixões comprimidas fizeram explosão.

— “*E é por tal homem, justo Deus!*” bradou como um trovão o conde Beroto; “*é por tão indigno cavalleiro, que nós e as nossas mesnadas derramamos sangue em batalhas? Que força é a sua senão a que lhe os nossos braços dão? Seus direitos e os seus avós não são melhores do que os nossos. Seus crimes bradam ao céu, e nós somos os seus juizes na terra.*”

— “*E com que direito,*” gritou o abbade de S. Zoil, um dos prelados destituídos por Ramiro, “*com que direito ha de o apostata desfazer e nomear abbades e bispos, exercer a mais augusta attribuição do sacerdocio? Assim o costumavam seus antecessores; mas eram os pios, eram os gloriosos reis de Leão. Ha de elle, o que rende infame vassallagem ao escravo do falso propheta, ha-de elle empunhar sobre a terra o gladio espiritual, elle que perdeu o manto e a corôa de rei?*”

— « Que perdeu as esporas de cavalleiro ! » gritou o conde Silo.

— « Que perdeu o baptismo e os fóros de homem christão ! » exclamou o bispo Genadio.

— « Mais servo, mais vil do que o servo e villão, que nasceram sujeitos a um senhor ! » vociferou ainda o conde Beroto.

— « O servo e o villão, perante Deus (o bispo Egyla tirou a mitra) e perante a sua Igreja, são iguaes aos senhores da mais nobre e alta linhagem, » observou em tom moderado o veneravel prelado. « Elle é o banido do céu, e o proscripto da terra. »

— « Estamos nós deliberando, reverendo presidente ? Pergunto-o, com venia vossa, e da nobre curia, » disse o conde Veremondo.

— « Ordem ! » clamou da cadeira da presidencia o bispo Theodosindo.

O conde Veremondo continuou :

— « Reverendos prelados e nobres cavalleiros ! A minha justa indignação não é menor do que a vossa. Mas o tempo insta, e nós carecemos de obras mais que de palavras. Temos um inimigo a quem resistir. Fitámos a um alvo, que não chegaremos a lograr senão com grandes esforços. Escaparam-se dous cavalleiros do bando de Hermogio. Levaram a Ramiro a noticia do seu revez. Imaginaes que se ficará quieto sem empregar represalias este inimigo offendido ? Ou acaso enidaes vós, que este pertinaz apostata desistirá da alliança com o califa ? Ramiro está chamando á cidade tropas dispersas pelas fronteiras e fortalezas do reino. Com ellas nos virá aqui mesmo atacar dentro d'este alcaçar. Ao receio que lhe põe as garras do leão de Castella devemos a paciencia forçada, que nos tem mostrado esse tigre. A' incerteza em que está das intenções do califa, a isso devemos tambem a paz, enganosa como o socego da atmosphera ao armar da trovoadá. Mas apenas lhe sopra o vento de Cordova, vel-o-heis aproar para nós o seu baixel. Senhores ! Notorio é o vosso valor, do céu a causa que esposámos, e o nosso adversario um apostata, um traidor ; mas o apostata, o traidor é um monarcha poderoso, e um grande capitão. Duro será o combate com tamanho homem de guerra ; e nós, senhores, não dispomos da urna da Providencia, que encerra os nossos destinos. »

— « Fallaes, » disse o conde Beroto, « como se estivera a mil legoas a fronteira de Castella, que tão proxima está de nós que ouvimos, a bem de dizer, cantar os gallos dos nossos visinhos. Guarneçada de um cordão de soldados numerosos e aguerridos, ao menor appellido nosso, á menor ameaça armada de Ramiro, o mesmo sol que os vir na extrema castellhana, póde brilhar sobre a ponta de suas lanças dentro já dos nossos muros para os defenderem. »

— « Mas se Abd-el-Rhaman invadir a Castella ? Se todas as forças de nossos visinhos forem diminutas para se guardarem a si ? »

— « N'esse caso, » replicou o conde Beroto, « que quereis que façamos ? Que prevenções traçaremos além das que já traçamos ? »

O conde Veremondo calou-se, mas como homem que encobre o seu pensamento, que enthesoura avaramente a sua idéa.

O bispo Egyla rompeu o silencio.

— « Desculpae, senhores, » disse elle, « o vir-se intrometer em questões de guerra um homem, cuja profissão é toda de paz, (se bem que já haja tirado a espada em mais de um combate) e cujos annos o persuadem ao repouso, e o ameaçam de perto com o sepulchro. Possuo terras e servos. Deus (o bispo tirou a mitra) confiou-os á minha tutella para bom regimento da sociedade civil, e para seu prol d'el-

les tanto como para engrandecimento da sua santa lei. Mas se o mandam o bem commum e as necessidades dos tempos que eu ceda, que nós cedámos todos, uma parte de nossas rendas, jurisdicções, e prerogativas, porque as não cederemos ? Serei eu o primeiro, e oxalá que todos me adiantassem o passo, serei o primeiro que erga a homem *ingenuo* e cavalleiro villão a todo o colono, servo de minha criação e senhorio, que para esta campanha sagrada se me apresentar com lança e cavallo. A todos abendigoarei : n'esta mão de sacerdote apertarei as suas rudes mãos callosas : com este reforço vos ajudarei. Outros poderão como eu, mais e melhor do que eu, ajudar-vos. »

Murmurios desapprovadores responderam a estas palavras, que soaram estranhamente na assembléa.

O bispo continuou :

— « Nascestes nobres e isentos, senhores ! Quem melhor do que vós póde avaliar quanto ardimento gera em campos armados a condição de homem livre ? Vossas façanhas marciaes e a chronica de vossos avós que fallem por mim. A consciencia vos grita e a minha voz vos pede, que lanceis na balança indecisa de nossas contendás a alforria dos colonos. Resgatae-os e á terra, que quanto accumulardes de menos em avos de auctoridade, em razões, e em productos, tel-o-heis de mais em braços corajosos, que auxiliem os vossos braços n'esta lucta de ferro e sangue, que teremos de arrostar. O Omnipotente prosperará esse resgate, que tambem por elle o filho do homem padeceu em uma cruz. »

— « Assim seja, assim seja ! Assim o queremos ! Manumissos e cavalleiros villões faremos nossos servos, que o puderem e quizerem, » clamaram com unanime entusiasmo todos os prelados presentes.

— « Sou nobre, e senhor de homens e dominios, » acudiu o conde Veremondo, que até ali guardára silencio profundo ; « sou nobre e nobres foram meus maiores. Mas offerecerei este sacrificio de meus fóros no altar da salvagão commum. Offerecei-o vós tambem, senhores meus pares, » disse elle, voltando-se para os ricos-homens e cavalleiros.

— « Que dizeis vós, conde Veremondo ? » vociferou o conde Beroto, pulando de indignação na sua cadeira. « O sacrificio de nossos fóros e patrimonio ! . . . Vós certamente não quizestes dizer tal ! »

— « Al não quiz dizer. Disse-o ; repito-o. »

— « O sacrificio do que nossos paes ganharam e nós sellámos com o nosso sangue ! » continuou o conde Beroto, levantando-se, gesticulando com violencia, e chammejando-lhe os olhos de furor. « Mais, mil vezes mais valêra com essas forragens, que nossos colonos pagam, assoldadar em senhorios estranhos, no Aragão, em Portugal, cavalleiros e homens de armas. Sacrificio fôra ainda esse ; mas temporario : cessára com o perigo e a guerra. Mas assim como o vós propondes, um sacrificio, uma alheação perpetua de nossos tributos ! . . . Predigo-vos eu, que testaes aos nossos descendentes o triste legado da ruina de seus privilegios. Affirmo-vos, que ergueis da terra, calças esporas, cingis espada, e armaes de ponto em branco aos futuros rivaes da nossa ordem. Oh ! é um sacrificio insensato, um sacrificio impossivel ! »

— « Um conselho avisado, e um passo de prudencia, » retorquiu o conde Veremondo. « Se não derdes esse passo, Ramiro o dará. Ah ! se o não antecipaes, elle arnezará contra vós esses mesmos servos, que hoje podeis converter em alliados. Esses, que podiam ser libertos, devotos e reconhecidos á vossa mão bemfeitora, o tyranno os transmudará em soldados, que vos assaltem nos vossos castellos, ou em

colonos regalengos, que rasguem o seio da terra sem reconhecerem o vosso dominio senão só o d'elle. Ai de vós então! D'onde mantereis a mercenários estranhos? Como poderia nunca jámais a chamma da lealdade lavrar em peitos de aventureiros, que convocasseis ao vosso pendão, qual ardêra em homens creados nos vossos solares, e resgatados por vós? Beijo-vos, reverendo prelado," disse elle, virando-se para o bispo Egyla, "beijo-vos as mãos por vosso alvitre de cordura e sagez. O Espirito Santo vos illuminou. Praza ao céu, que os raios d'essa luz desçam ao entendimento dos meus iguaes, como desceram ao meu!"

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

II.

CREMOS que com documentos, tão poderosos como insuspeitos, chegámos a provar que na idade media (até principios do seculo 15.^o em que começaram as navegações e descobertas dos portuguezes) o oceano Atlantico, e suas ilhas, eram pouco e mal conhecidos. Inda teremos occasião de mostrar, que o poder de velhas e incertas noções sobre estes pontos, era tamanho, que o tecido de fabulas da antiguidade pôde d'alguma fórma ficar de pé por mais de um seculo, ainda depois d'aquelle grande acontecimento.

Muitas vezes dissimilhanças na exterior composição, as absurdas tradições sobre o Atlantico e suas terras foram atravessando a duração dos seculos as mesmas na substancia. N'esta parte a sciencia na idade media é a mesma dos antigos. Dissimilhanças, que apparecem entre a doutrina d'um e d'outro tempo, não provêem senão da má interpretação dada aos livros da antiguidade.

As nossas provas representam a sciencia e tradição geographica a respeito do assumpto. Gregos, romanos, godos, persas, arabes, iberos, anglos e francos, todos chamámos a depor n'este summario. Se indubitavelmente os cosmographos representam cada um a sciencia da sua nação e do seu tempo, todos elles, pela ignorancia que successivamente mostram ter da navegação do Atlantico, e ilhas descobertas depois pelos portuguezes, formam uma só auctoridade de todo o velho mundo a favor da nossa these. Soccorremo-nos tambem á cartographia da idade media, porque — "quando todos estes monumentos (*geographicos*), construidos em diferentes paizes, pelos representantes da sciencia nos mesmos paizes, se acham perfeitamente d'acôrdo entre si sobre pontos fundamentaes... representam indubitavelmente o estado geral da sciencia nas epochas respectivas, o que é ainda mais confirmado pela harmonia que existe entre estes monumentos geographicos, e as obras dos auctores contemporaneos." — Foi partindo d'este principio de critica, que nos pareceu poder e dever empregar como testemunho as cartas originaes, porque ellas representam o conhecimento que os cosmographos europeus e arabes tinham, na idade media, adquirido da navegação, por intermedio de seus marinheiros.

N'este nosso segundo periodo chronologico (assim como no primeiro) suspeita-se geralmente que o alto Atlantico é innavegavel, e apenas a idéa se pre-

ciza mais do que no periodo anterior, com a presumpção que leva a fixar os limites, além dos quaes se estatue o imperio absoluto da idéa. As estatuas, que em certos logares reputados extremos entre oceano navegavel e innavegavel suppõem collocadas, o estão dizendo.

Para concluir a innavegabilidade do Atlantico accusavam contradictoriamente, ora (Jornandes, Cosmas, Prisciano, Dionizio, Edrisi, Ibn-Khaldun) sua pouca profundidade, sua immobibilidade, sua immensidade a que se não conheciam limites, seu lodo, suas trevas espessas, seus animaes monstruosos, e espessura e escuridão de suas aguas: — ora (Cosmas, Massúdi, Edrisi) sua profundidade illimitada, violencia de ventos do occidente, elevação das ondas, frequencia de tempestades n'elle. Dante, e os irmãos Pizigani, na estatua symbolica que no Atlantico puzeram, parecem concluir a sua innavegabilidade absolutamente. Moysés de Khoren, e Alberto Magno nada dizem a respeito do oceano. Edrisi, Ibn-Wardy, e Ibn-Khaldun dizem, que apenas se aventuram n'elle navegando costa a costa. Ibn-Said, diz que se não pôde atravessar. Só Boccacio deixou escapar uma confissão sincera e verdadeira, que resume a sciencia do tempo, declarando, que não era bem conhecido.

Se para a navegação do Mediterraneo havia cartas e outros recursos, não succedia assim quanto ao Atlantico. Não admira pois, que por tantos seculos jazesse desconhecido, e que a respeito d'elle se propalasse tantas fabulas.

A passagem das Hespanhas á India oriental pelo oceano em poucos dias, "com vento favoravel," como dizia Seneca, era um sonho, uma phantasia da geographia systematica dos antigos. Sobre as arreigadas e teimosas tradições, que a respeito do Atlantico se tinham espalhado, obstava tambem á sua passagem a falta que inda n'aquelles tempos se padecia da bussula, pelo que se não podiam perder de vista as costas. A violenta corrente oceanica, que vem de noroeste a sueste, porventura pôde ainda impedir por muitos seculos, que os navegantes, que andavam cerca do velho mundo penetrassem no grande mar, e descobrissem as terras distantes, que, como estavam perdidas, no meio d'elle. Pedro Alliaco seguindo, em principio do seculo 15.^o, a opinião de poder passar-se do occidente ao oriente do mundo então conhecido, pelo Atlantico, fazia coro com Rogerio Bacon do 13.^o seculo, e ambos eram echo de escriptores da antiguidade, contradictorios em si mesmo, como Aristoteles (*De celo et mundo*) Strabão, Seneca (*De natur. question. l. 5*) Marino de Tyro (em Gossellin, *Recherches*, t. 2) — e Ptolomeu (*Geographia*, VII, 3): e mesmo de alguns astrónomos da idade media, como os arabes Al-Fergani, do 9.^o, e Averrhoes do 12.^o seculo.

No interesse da historia dos progressos da geographia cumpre ver n'aquelles testemunhos de dous homens eminentes de duas grandes noções septentrionaes, alguma coisa mais do que duas opiniões isoladas, individuaes, e ainda, a despeito de sua conformidade, separadas em tempo por largos annos. Em Bacon e Alliaco ha mais do que um enunciado, ha um facto implicito, que serve a corrigir a chronica dos povos septentrionaes, no tocante ás suas navegações transatlanticas. As pretendidas longas viagens oceanicas de noruegueses, de gothos, de suecos, e de islandezes, a que ainda no seculo 16.^o o nosso Damião de Goes alludiu, ficam abaladas pelos fundamentos, e perdem no nosso caso o valor que lhes têm querido dar escriptores da nova idade, nimamente obstinados na defeza de singulares opiniões, enredan-

do-se por isso mesmo no sophisma, na invenção de sauctorizada, ou na ampliação arbitraria de factos isolados, restrictos, e sem alcance relevante. Póde dizer-se d'esses taes o que se diria dos que trabalham obras d'imaginação. Não ha nó gordio, não ha difficuldade dramatica, a quem o supremo é inexgotavel remedio do *Deus ex causa* não sirva com triumpho! Para corroborarem uma apprehensão, a principio apenas filha da ignorancia, mas depois continuada com tenção secreta, e damnada vontade contra a sciencia, é vão recurso socorrerem-se ás memorias dos povos septentrionaes, que já o tempo tem produzido n'ellas perniciosos effeitos, destruindo umas, e alterando as restantes pela addição successiva de tradições maravilhosas, fructo dos sonhos da humanidade, sonhados no grande repouso dos seculos; interessantes pelo que respeita á poesia dos povos, mas adversos á historia pela sua mutua repulsão. O máu effeito d'estas circumstancias naturalissimas, que hoje difficultam o passo na verdadeira apreciação das viagens dos povos do norte, desaparece completamente á luz da opinião do cosmographo francez do principio do 15.^o seculo, e sobretudo ante a de Bacon, de quem somos separados pelo grande lapso de seis seculos. As obras, que para nós estão perdidas, as tradições, que já nos chegam viciadas e corrompidas pelo tempo, ou não estariam nem perdidas nem viciadas para Bacon, ou ser-lhe-ia mais fresca ou mais proxima a perda das obras, e a tradição (alliviada do grande pezo de seis seculos) chegaria ao philosopho inglez mais sã e expurgada. Será pois crível que Bacon, escriptor septentrional d'um paiz, que em toda a idade media manteve relações activas com os demais povos europeus da sua latitude, a terem existido as navegações, que se dizem feitas por esses povos atravez do oceano occidental, ignorasse o valor e alcance d'ellas? O testemunho de Bacon é uma prova indirecta do maior valor no concernente a fixar a importancia das navegações dos povos septentrionaes sobre o oceano Atlantico. Se os povos do norte navegaram, antes do 13.^o seculo, no alto mar oceano, e effectuaram navegação transatlantica, como é que se perdeu a memoria das difficuldades, dos riscos, das demoras, e da grandeza d'essas viagens, a ponto de no tempo de Bacon, como no de Aristoteles, antes d'elle dezeseis seculos, se suppor que do occidente de Hespanha ao oriente da Índia, passando do Atlantico para o Indico, a viagem era pequena! É facil inferir d'aqui que as navegações d'aquelles povos no alto oceano se não deram; não só porque o estado da arte de navegar n'aquelles tempos não as comportava; mas tambem pela contradicção que de suppol-as haveria. Taes viagens teriam resolvido muitos pontos essenciaes de geographia, teriam rectificado a opinião geral de que o alto mar oceano era innavegavel, teriam dado a opinião que Bacon sustenta (1214-1294, *Opus majus*, p. 183) e Pedro Alliaco segue ainda em principio do 15.^o seculo, de ser a passagem da Hespanha occidental a India oriental possivel e breve em poucos dias, o caracter de cousa revolvida ou indubitavel. E nem porque Carlos Christiano Rafn, da sociedade real dos antiquarios do norte, conclue na sua *Mémoire sur la découverte de l'Amérique au dixième siècle* (traducção em francez por Xavier Marmier, Paris, 1838) que da descoberta da Islandia em meio do 9.^o seculo se passou dentro em pouco á descoberta da Groenlandia, e d'ella á Norte-America (como diz que prova á sociedade na sua obra *Antiquitates Americane*) importa isso conhecimento e navegações do Atlantico ao Indico, ou entre as costas occidentaes da Europa e as orientaes do novo mundo.

A ignorancia que em toda a idade media continua a respeito de terras oceanicas é a mesma, e deriva da que pezava sobre o Atlantico e sua navegação. A fóra o que viagens na Asia, depois das cruzadas, accrescentaram ao conhecimento real d'aquella parte do mundo, a sciencia quasi se contém nos limites da geographia da antiguidade, e mythologia da Grecia. Cosmas e Prisciano dizem a terra superficie plana; e em suas opiniões, como na anterior de Philostorgo e nas posteriores dos auctores de alguns mappa-mundi, nas de Gervasio de Tilbury, de Nicephoro de Blemmyde, etc., continua a theoria do oceano circumdando toda a terra! Philostorgo, semeando monstros fabulosos nas partes do mundo incognito, desconhece Africa além da equinocial, e Boccacio diz que o cabo Não é o mais distante promontorio d'ella, ante quem estão as ilhas Orcades!... E a navegação possivel reduzida aos quatro golfos ou mares interiores, sendo nas Columnas de Hercules o termo das occidentaes, em contradicção com as noções, que ao mesmo tempo quasi todos se compraziam dar de cousas de além mar, de terras oceanicas incultivaveis e impovoaveis, da ilha em que se vive longamente, da outra em que se não póde morrer, e da de S. Brandão, em que os passaros fallam!... E a Inglaterra separada da Escocia!... E a Escocia ao sul de Inglaterra!... E a Irlanda em frente da Peninsula iberica!... E as Britanicas ora ante a embocadura do Rheno; ora a oeste da Islandia; ora no paralelo das Asturias; ora no paralelo de Lisboa!... E as Hesperides sobre o cabo de S. Vicente, no Algarve! E a Atlantida, de Plató, crismada com o novo nome de Antilia, a resurgir do 12.^o aos fins do 15.^o seculo!... E as ilhas Eternas deshabitadas, como muitas outras no oceano, segundo testifica Edrisi e Albufeda!... A ignorancia, que tantos absurdos revelam é de uma grande importancia no assumpto de que tratámos. Se ninguem penetrara no oceano; se nem da expedição dos genovezes, que n'elle se aventuraram em 1291, e de que falla Pedro d'Abano, houve mais saber; como ter noticia de tanta cousa, que diziam haver n'elle? Assim pois é evidente, que todas estas noções contradictorias não prendiam por nenhum modo com a realidade, mas eram filhas da phantasia e de fabulas tradicionaes. Alberto Magno nem de navegações no Atlantico falla. Petrarcha tem as Canarias como ponto mais distante do mundo, a respeito do qual pouca clareza havia; e o veneziano Pedro Quirino inda diz em 1431, que os mares d'aquellas ilhas são perigosos e pouco conhecidos!

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

— O coração do criminoso é um patibulo, onde, sem perecer, continuamente é justicado.

— A ociosidade, o luxo e o máu exemplo são os principaes motores da prevaricação dos costumes.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

— Quando na bôca ha muito patriotismo, ha grande ambição no coração.

— A experiencia é o passado, que falla ao presente, e se faz ouvir do futuro.

BASTOS — PENSAMENTOS.